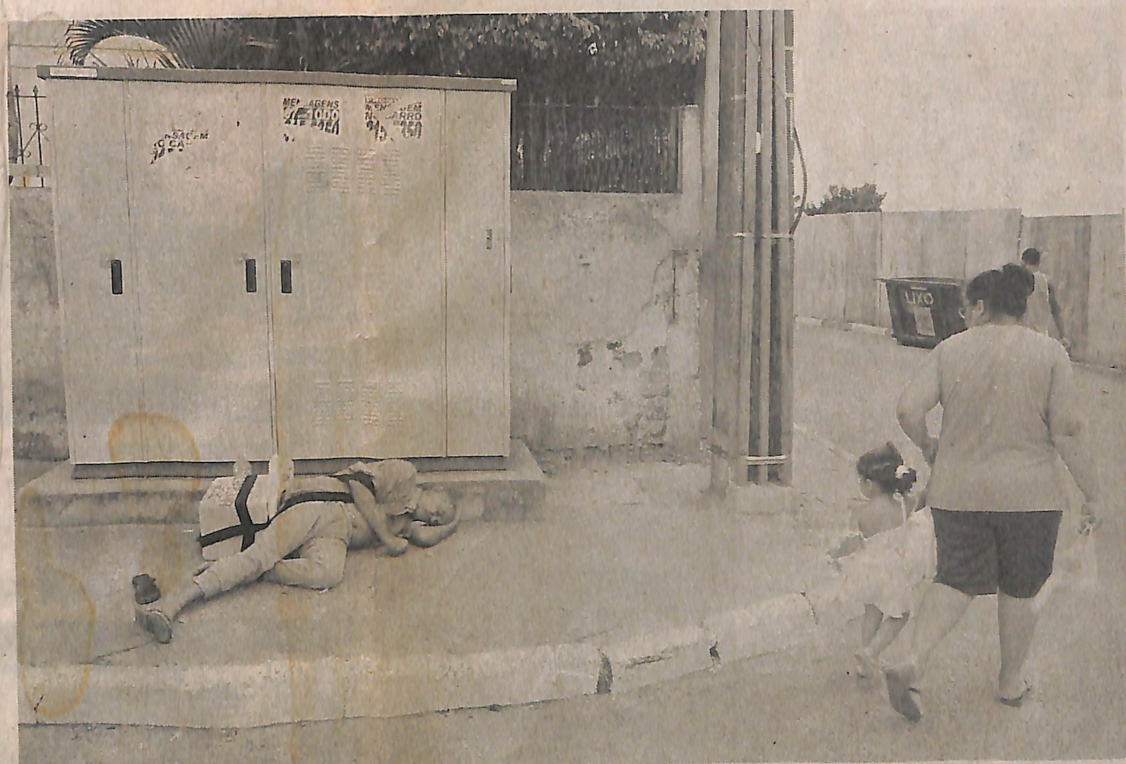


PALESTINA

PMS	IME	UNIV
BIBLIOTECA		
Jornal		
A Tarde		
Data 10/11/04		
Caderno	Página 3	
Seção	Local	
Assunto		
Bairro		



Grande parte das crianças está longe dos estudos; bairro tem apenas duas escolas municipais



Alto índice de desemprego é uma das muitas dificuldades vividas pela população

Palestina a 15 km de Salvador

Localizado entre duas pedreiras na periferia da capital, bairro nasceu como Beco do Bida e cresce enfrentando problemas

ADILSON FONSECA

Na década de 70, no auge do "Milagre Brasileiro", um frei italiano resolveu fundar uma igreja nos limites geográficos de Salvador para levar conforto espiritual às populações mais necessitadas. Escolheu o Beco do Bida, na BR-324, localizado a 15 km da entrada da cidade, uma espécie de platô, entre duas pedreiras, onde vivia uma comunidade pobre, morando em

na querem inclusão social.

"Somos um povo esquecido, sem representatividade política, mas cobiçado por duas cidades, Salvador e Simões Filho", diz Erenita Rosa de Oliveira, que mora na Rua da Suécia (país europeu com um dos mais altos índices de desenvolvimento econômico e social do mundo), uma das mais pobres do bairro. A Rua da Suécia é motivo de disputa político-administrativa entre as duas cidades, assim como o Alto de Santa Cruz, que

tação de um conjunto de casas populares no local.

Com um único acesso pela BR-324, os moradores contam apenas com uma linha de ônibus para a Estação Pirajá. Às sextas-feiras e sábados, é acrescentada uma nova linha para a Feira de São Joaquim. "Aqui falta tudo. De emprego a infra-estrutura", diz o presidente da Associação dos Moradores da Palestina, Walter da Silva.

Do que seria um centro de saúde administrado pela Prefeitura

FOTOS DE FERNANDO VIVAS



casas de barro e madeira e sem nenhuma infra-estrutura urbana.

Como era comum a ocorrência de explosões nas duas pedreiras, resolveu mudar o nome de Beco do Bida para Palestina a fim de lembrar o interminável conflito da Cisjordânia, no Oriente Médio, onde brigam até hoje judeus e árabes. Há 11 anos o frei voltou para a Itália, mas a briga da Palestina continua, tanto no Oriente Médio quanto em Salvador. No Oriente Médio, os palestinos brigam para garantir um território próprio, enquanto, em Salvador, os moradores do bairro da Palesti-

mo o Alto de Santa Cruz, que também está no centro da disputa limítrofe dos dois municípios, e por isso mesmo não recebem benefícios urbanos.

FALTA TUDO – O bairro da Palestina está encravado entre as pedreiras Valéria e Limoeiro e, por causa das constantes explosões em uma delas (que provocam danos nas residências), segundo explica um dos diretores da Associação dos Moradores, Nerval Cardoso, o bairro foi excluído do programa de melhorias habitacionais Viver Melhor, que teria programado a implan-

saúde administrado pela Prefeitura de Salvador, restaram apenas os tapumes de uma obra que está paralisada desde junho. Para conseguirem atendimento médico, os moradores têm que se deslocar para Valéria ou Simões Filho. “Como não temos posto médico, quem fica doente ou se receita na farmácia ou tem que caminhar até Valéria”, diz Walter. O bairro possui apenas duas escolas municipais, que ensinam da 1ª à 8ª série do Ensino Fundamental. “Queremos ser lembrados como cidadãos de Salvador”, diz Walter da Silva.

Reduto de biscateiros e desempregados

A Palestina em Salvador também é conhecida como o bairro do chapa. Isso porque a maioria dos homens que ali residem está desempregada e os que trabalham ficam nos postos de gasolina da BR-324 fazendo biscate como carregadores ou ajudantes de viagens. As mulheres estão na mesma situação. As que trabalham conseguem apenas serviços domésticos. Os “chapis-tas”, como são conhecidos, fazem ponto no Posto Caramuru, próximo ao bairro de Águas Claras.

Por causa do alto índice de pobreza, o bairro foi incluído no

programa Nossa Sopa, mantido pelas Voluntárias Sociais do Governo do Estado. Às terças e quintas-feiras, 109 famílias recebem o alimento. A doméstica Evilásia Costa Ferreira, 48 anos e mãe de oito filhos, é uma das que, duas vezes por semana, enfrentam a fila para receber as canecas de sopa correspondentes a cada um dos filhos. A alimentação é praticamente a única do dia. “Se não fosse a sopa não sei o que seria de nós”, diz, com um caneco na mão, acompanhada dos filhos.

Sem emprego e sem renda, boa parte dos 20 mil moradores

da Palestina vive nos limites da miséria. “Não temos atividades econômicas no bairro”, diz a professora Danúbia Santana dos Santos, de 23 anos. A professora dá aulas à noite para jovens e adultos inscrito no Programa AJA (Alfabetização de Jovens e Adultos) do Governo do Estado, e diz que o desencanto dos jovens é um dos maiores obstáculos ao aprendizado. Sobre o líder da Palestina do Oriente Médio, Yasser Arafat, ela diz: “Poucos discutem, mas para nós, os problemas de lá só são diferentes porque aqui não andamos em luta armada”, diz.



Com o filho no colo, moradora da Rua da Suécia nutre a esperança por tempos melhores



Na associação de moradores, canecas de sopa distribuídas pelas merendeiras são para muitos a única refeição do dia

História de um povo marcado por lutas e perseguições

No Oriente Médio, a Palestina é o nome do território situado entre o Mar Mediterrâneo, o Rio Jordão e o Mar Morto, e faz fronteira com o Líbano e a Síria. Com 27 mil km², é formada por uma planície costeira, uma faixa de colinas e uma cadeia de baixas montanhas cuja vertente oriental é mais ou menos desértica. A sua história esteve geralmente ligada à de países como Fenícia, Síria e Jordânia, e o seu povo esteve quase sempre submetido a poderes estrangeiros.

O nome Palestina vem da designação dada às terras dos Filisteus, um dos povos mais antigos que habitaram a região e que exerceram sobre ela forte influência até os últimos séculos da era pré-cristã. Em 63 antes de Cristo (a.C.), a Palestina passou a fazer parte do Império

Romano. Por volta de meados do Século I da era cristã, os judeus da Palestina tentaram libertar-se do domínio romano. Houve várias revoltas locais que terminaram com os romanos conquistando Jerusalém e destruindo o templo judaico.

Com a ruína do templo e o fim da autonomia judaica na Palestina, desapareceu a maioria dos grupos político-religiosos. Praticamente só ficaram em campo dois grupos: o farisaísmo e o cristianismo, recém-formado. Os dois grupos acabaram por separar-se e evoluíram de maneira independente, em concorrência e, não raro, em conflito. O farisaísmo deu origem ao judaísmo rabínico, isto é, o judaísmo atual, e o cristianismo se mesclou com o islamismo, eternizando o conflito étnico-religioso atual.